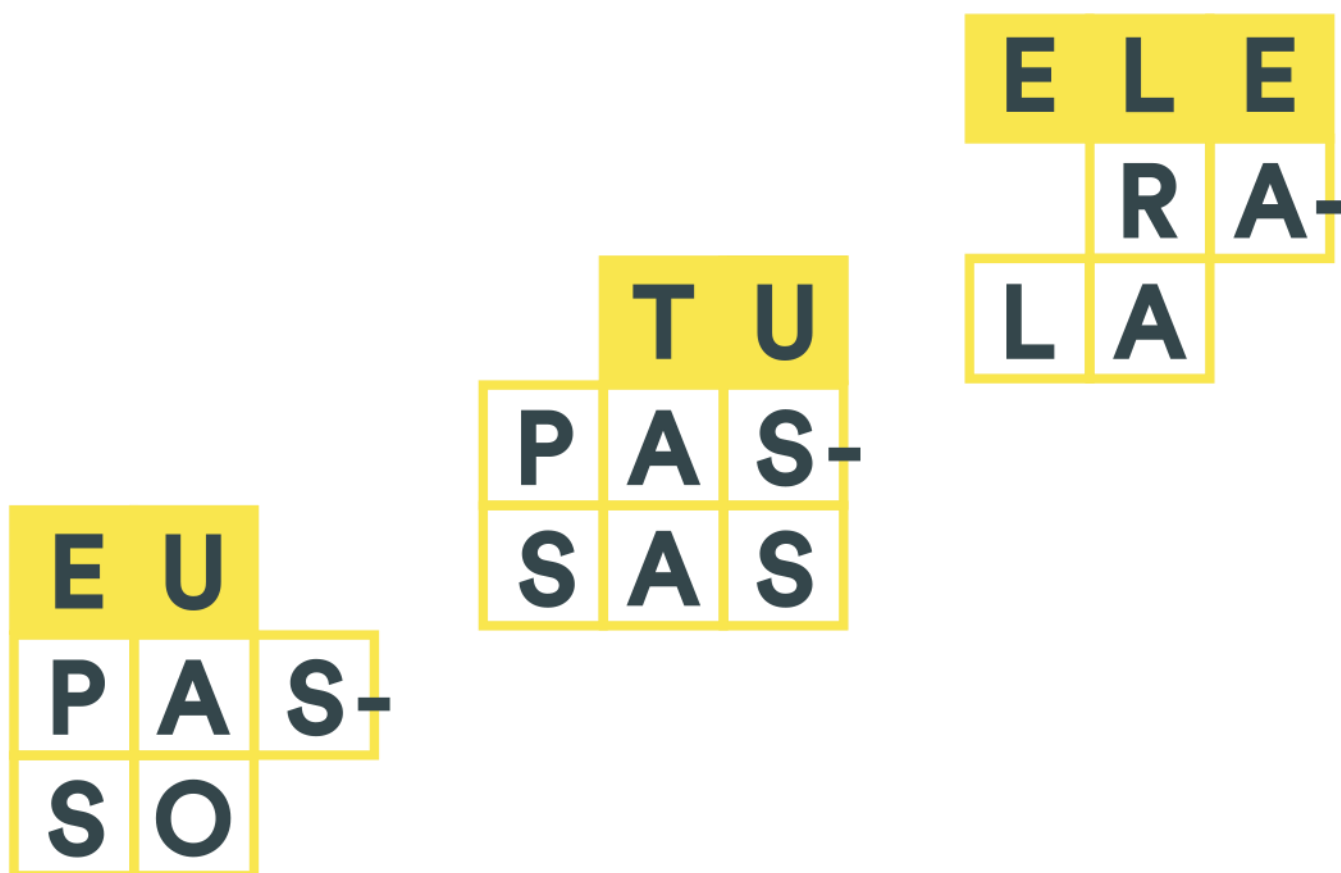


Figuras de Linguagem: de Pensamento, de Palavra e de Construção 2



Figuras de Linguagem: de Pensamento, de Palavra e de Construção 2

1. Cidade grande

Que beleza, Montes Claros.
Como cresceu Montes Claros.
Quanta indústria em Montes Claros.
Montes Claros cresceu tanto,
ficou urbe tão notória,
prima-rica do Rio de Janeiro,
que já tem cinco favelas
por enquanto, e mais promete.

(Carlos Drummond de Andrade)

Entre os recursos expressivos empregados no texto, destaca-se a:

- a) metalinguagem, que consiste em fazer a linguagem referir-se à própria linguagem.
- b) intertextualidade, na qual o texto retoma e reelabora outros textos.
- c) ironia, que consiste em se dizer o contrário do que se pensa, com intenção crítica.
- d) denotação, caracterizada pelo uso das palavras em seu sentido próprio e objetivo.

2. A catacrese, figura que se observa na frase “Montou o cavalo no burro bravo”, ocorre em:

- a) Os tempos mudaram, no devagar depressa do tempo.
- b) Última flor do Lácio, inculta e bela, és a um tempo esplendor e sepultura.
- c) Apressadamente, todos embarcaram no trem.
- d) Ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal.
- e) Amanheceu, a luz tem cheiro.

3. Tecendo a manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,

para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

(MELO, João Cabral de. In: *Poesias Completas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979)

Nos versos “E se encorpando em tela, entre todos,/ se erguendo tenda, onde entrem todos,/ se entretendendo para todos, no toldo...”, tem-se exemplo de

- a) eufemismo
- b) antítese
- c) aliteração
- d) silepse
- e) sinestesia

4. Texto I

“E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.”

(Vinicius de Moraes)

Texto II

“Mudaram as estações
Nada mudou.”

(Renato Russo)

É notória a oposição de ideias nos versos, o que significa que neles se encontra como principal figura de linguagem a:

- a) metáfora
- b) antítese
- c) sinestesia
- d) metonímia
- e) catacrese

5. Érico Veríssimo relata, em suas memórias, um episódio da adolescência que teve influência significativa em sua carreira de escritor.

Lembro-me de que certa noite, eu teria uns quatorze anos, quando muito, encarregaram-me de segurar uma lâmpada elétrica à cabeceira da mesa de operações, enquanto um médico fazia os primeiros curativos num pobre-diabo que soldados da Polícia Municipal haviam carneado. (...) Apesar do horror e da náusea, continuei firme onde estava, talvez pensando assim: se esse caboclo pode aguentar tudo isso sem gemer, por que não hei de poder ficar segurando esta lâmpada para ajudar o doutor a costurar esses talhos e salvar essa vida? (...) Desde que, adulto, comecei a escrever romances, tem-me animado até hoje a ideia de que o menos que o escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos. Sim, segurar a lâmpada, a despeito da náusea e do horror. Se não tivermos uma lâmpada elétrica, acendamos o nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos fósforos repetidamente, como um sinal de que não desertamos nosso posto.

(VERÍSSIMO, Érico. *Solo de Clarineta. Tomo I. Porto Alegre: Editora Globo, 1978.*)

Neste texto, por meio da metáfora da lâmpada que ilumina a escuridão, Érico Veríssimo define como uma das funções do escritor e, por extensão, da literatura,

- a) criar a fantasia.
- b) permitir o sonho.
- c) denunciar o real.
- d) criar o belo.
- e) fugir da náusea.

6. Pastora de nuvens, fui posta a serviço por uma campina tão desamparada que não principia nem também termina, e onde nunca é noite e nunca madrugada.

(Pastores da terra, vós tendes sossego, que olhais para o sol e encontrais direção. Sabeis quando é tarde, sabeis quando é cedo. Eu, não.)

Cecília Meireles

Esse trecho faz parte de um poema de Cecília Meireles, intitulado Destino, uma espécie de profissão de fé da autora. Em campina desamparada, ocorre uma figura de linguagem que pode ser denominada como

- a) anáfora.
- b) hipérbole.
- c) personificação.

- d) perífrase.
- e) eufemismo.

7. O Adeus

(Rubem Braga)

No oitavo dia sentimos que tudo conspirava contra nós. Que importa a uma grande cidade que haja um apartamento fechado em alguns de seus milhares de edifícios; que importa que lá dentro não haja ninguém, ou que um homem e uma mulher ali estejam, pálidos, se movendo na penumbra como dentro de um sonho?

Entretanto a cidade, que durante uns dois ou três dias parecia nos haver esquecido, voltava subitamente a atacar. O telefone tocava, batia dez, quinze vezes, calava-se alguns minutos, voltava a chamar; e assim três, quatro vezes sucessivas.

Alguém vinha e apertava a campainha; esperava; apertava outra vez; experimentava a maçaneta da porta; batia com os nós dos dedos, cada vez mais forte, como se tivesse certeza de que havia alguém lá dentro. Ficávamos quietos, abraçados, até que o desconhecido se afastasse, voltasse para a rua, para a sua vida, nos deixasse em nossa felicidade que fluía num encantamento constante. (...)

Texto extraído do livro "Figuras do Brasil – 80 autores em 80 anos de Folha", Publifolha – São Paulo, 2001, pág. 132.

Figuras de linguagem – por meio dos mais diferentes mecanismos – ampliam o significado de palavras e expressões, conferindo novos sentidos ao texto em que são usadas. A alternativa que apresenta uma figura de linguagem construída a partir da equivalência entre um todo e uma de suas partes é:

- a) “que um homem e uma mulher ali estejam, pálidos, se movendo na penumbra como dentro de um sonho?”
- b) “Entretanto a cidade, que durante uns dois ou três dias parecia nos haver esquecido, voltava subitamente a atacar.”
- c) “batia com os nós dos dedos, cada vez mais forte, como se tivesse certeza de que havia alguém lá dentro.”
- d) “Mas naquela manhã ela se sentiu tonta, e senti também minha fraqueza;”

8. Óbito do autor

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar

pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo.

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, capítulo primeiro)

A metáfora presente em “a campa foi outro berço” baseia-se

- a) na relação abstrato/concreto que há em campa/berço.
- b) no sentido conotativo que assume a palavra campa.
- c) na relação de similaridade estabelecida entre campa e berço.
- d) no sentido denotativo que tem a palavra berço.
- e) na relação todo/parte que existe em campa/berço.

9.

A invasão dos blablablás

O planeta é dividido entre as pessoas que falam no cinema – e as que não falam. É uma divisão recente. Por décadas, os falantes foram minoria. E uma minoria reprimida. Quando alguém abria a boca na sala escura, recebia logo um shhhhhhhhhhhhh. E voltava ao estado silencioso de onde nunca deveria ter saído. Todo pai ou mãe que honrava seu lugar de educador ensinava a seus

5 filhos que o cinema era um lugar de reverência. Sentados na poltrona, as luzes se apagavam, uma música solene saía das caixas de som, as cortinas se abriam e um novo mundo começava. Sem sair do lugar, vivíamos outras vidas, viajávamos por lugares desconhecidos, chorávamos, ríamos, nos apaixonávamos. Sentados ao lado de desconhecidos, passávamos por todos os estados de alma de uma vida inteira sem trocar uma palavra. Comungávamos em silêncio do

10 mesmo encantamento. (...)

Percebi na sexta-feira que não ia ao cinema havia três meses. Não por falta de tempo, porque trabalhar muito não é uma novidade para mim. Mas porque fui expulsa do cinema. Devagar, aos poucos, mas expulsa. Pertença, desde sempre, às fileiras dos silenciosos. Anos atrás, nem imaginava que pudesse haver outro comportamento além do silêncio absoluto no cinema. Assim

15 como não imagino alguém cochichando em qualquer lugar onde entramos com o compromisso de escutar.

Não é uma questão de estilo, de gosto. Pertence ao campo do respeito, da ética. Cinema é a experiência da escuta de uma vida outra, que fala à nossa, mas nós não falamos uns com os outros. No cinema, só quem fala são os atores do filme. Nós calamos para que eles possam falar.

20 Nossa vida cala para que outra fale.

Isso era cinema. Agora mudou. É estarrecedor, mas os blablablás venceram. Tomaram conta das salas de cinema. E, sem nenhuma repressão, vão expulsando a todos que entram no cinema para assistir ao filme sem importunar ninguém.

(...)

Eliane Brum
revistaepoca.globo.com, 10/08/2009

*No cinema, só quem fala são os atores do filme. Nós calamos para que eles possam falar.
Nossa vida cala para que outra fale. (l. 19-20)*

O trecho acima usa uma figura de linguagem chamada de:

- a) metáfora
- b) hipérbole
- c) eufemismo
- d) metonímia

10. Maria Bofetão

A surra que Maria Clara aplicou na vilã Laura levantou a audiência da novela *Celebridade*. Na segunda-feira passada, 28 tabefes bem aplicados pela heroína Maria Clara (Malu Mader) derrubaram a ignóbil Laura (Cláudia Abreu) e levantaram a audiência de *Celebridade*, a novela das 8 da Globo. (...) Tanto a mocinha quanto a vilã ganharam nova dimensão nos últimos tempos. Maria Clara, depois de perder sua fortuna, deixou de ser apenas uma patricinha magnânima e insossa, a aborrecida Maria Chata. Ela ganhou fibra e mostrou que não tem sangue de barata. Quanto a Laura, ficou claro que sua maldade tem proporções oceânicas: continuou com suas perfídias mesmo depois de conquistar a fama e o dinheiro que almejava. Por tripudiar tanto assim sobre a inimiga, atraiu o ódio dos noveleiros.

(Veja, 05.05.2004.)

Em “Quanto a Laura, ficou claro que sua maldade tem proporções oceânicas”, a figura de linguagem presente é

- a) uma metáfora, já que compara a maldade com o oceano.
- b) uma hipérbole, pois expressa a ideia de uma maldade exagerada.
- c) um eufemismo, já que não afirma diretamente o quanto há de maldade.
- d) uma ironia, pois se reconhece a maldade, mas ficam pressupostos outros sentidos.
- e) um pleonismo, já que entre maldade e oceânicas há uma repetição de sentido.

Vem que tem mais!

Texto I

Metáfora

(Gilberto Gil)

Uma lata existe para conter algo,
Mas quando o poeta diz lata
Pode estar querendo dizer o incontível

Uma meta existe para ser um alvo,
Mas quando o poeta diz meta
Pode estar querendo dizer o inatingível

Por isso não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudo-nada cabe,
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha caber
O incabível

Deixe a meta do poeta, não discuta,
Deixe a sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora

Texto II
Que país é esse?
(Legião Urbana)

Nas favelas, no senado
Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a constituição
Mas todos acreditam no futuro da nação

Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?

No Amazonas, no Araguaia, na Baixada fluminense
No Mato grosso, Minas Gerais e no Nordeste tudo em paz
Na morte eu descanso mas o sangue anda solto
Manchando os papéis, documentos fiéis

Ao descanso do patrão

Que país é esse?

Que país é esse?

Que país é esse?

Que país é esse?

Terceiro Mundo se for
Piada no exterior
Mas o Brasil vai ficar rico
Vamos faturar um milhão
Quando vendermos todas as almas
Dos nossos índios num leilão.

Que país é esse?

Que país é esse?

Que país é esse?

Que país é esse?

A linguagem poética vai além dos sentidos, pois explora a imaginação dos leitores, levando-os a uma atmosfera de percepção subjetiva em significados que despertam a atenção como um convite para mergulhar no mundo cheio de encantos e palavras.

No campo da música popular, um caso bastante inteligente e criativo está na canção *Metáfora*, de Gilberto Gil, gravada no disco *Um Banda Um*, de 1982. Nela, o autor tenta explicar a dinâmica de trabalho do artista, usando o exemplo do poeta que maneja as palavras em seu ato de composição.

Com um tema sugestivo, o autor lança seus leitores a uma figura de linguagem muito usada em textos literários. A metáfora é uma comparação entre dois elementos por meio de significados imagéticos, causando efeitos de significados inesperados ou improváveis de significados entre um termo e outro. Dessa maneira, estabeleça a relação entre o texto I e o texto II, da música da banda Legião Urbana.

Gabarito

1. C
2. C
3. C
4. B
5. C
6. C
7. B
8. C
9. D
10. B

Gabarito “Vem que tem mais!”

Ao afirmar que, na arte, através da metáfora, pode-se “estar querendo dizer o incontível”, o eu lírico mostra que, no caso das palavras, o que não tem limite são as significações. Assim, a metáfora torna a palavra absoluta, pois não a limita, torna-a livre. Nesse sentido, a música do texto II pode ser relacionada à música de Gil, pois, por meio da metáfora, faz críticas. Em “No senado/ Sujeira pra todo lado”, há metáfora, pois "sujeira" se refere a atos ilícitos, ilegais, desrespeitosos, o que mostra que a significação pode ir além da denotação.